

MUDANÇAS NO ESPAÇO E NAS RELAÇÕES DE LABOR COM A TERRA NA COMUNIDADE OLARIA/CISTERNA E ADJACÊNCIAS – CATALÃO/GO*

Willer Cândido de Melo¹
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão
willer_candido@hotmail.com

Marcelo Rodrigues Mendonça²
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão
mendoncaufg@gmail.com

Palavras-chave: Modernização da Agricultura; Trabalhadores/camponeses; Usos do Solo e da Água; Comunidade Olaria/Cisterna.

1 INTRODUÇÃO

Catalão-GO, cidade situada no Sudeste Goiano encontra-se em plena expansão populacional, apresentando em 2010, segundo o IBGE, 84.964 habitantes no município. A cidade possui uma produção diversificada, ganhando destaques nas linhas de mineração (com a produção de fertilizantes e exploração de nióbio etc.), mecânica (com as linhas de montagem de máquinas agrícolas e de carros, com as empresas Mitsubishi Motors e John Deere, respectivamente). Mas também é responsável por uma produção agropecuária com relevância, destinada a exportação, destacando-se a soja em áreas de chapada, que adentrou no município em meados da década de 19(80), entre outras cultivares. Ainda apresenta relevante setor de serviços polarizando o Sudeste Goiano e cidade do Alto Paranaíba.

Aqui nos interessa as atividades relacionadas e/ou desenvolvidas a partir da modernização da agricultura. Isso ocorreu a partir da adoção do pacote tecnológico denominado Revolução Verde, que agregou grandes extensões de terra sob posse de poucos proprietários, deixando outras regiões do município que não eram favoráveis na época à monocultura de exportação, por possuir um relevo com declive acentuado, por exemplo, destinada a produção camponesa, entretanto com menores proporções territoriais.

*Texto revisado pelo orientador Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça.

¹ Orientando em bolsa CNPq na modalidade PIBIC/AF. Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão.

² Orientador. Prof. Dr. do Departamento de Geografia. Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão.

Em área próxima a sede municipal encontra-se a Comunidade Olaria/Cisterna que por apresentar áreas de cultivo menores e por possuir uma boa parcela de território com declive, destinou-se durante a década de (19)90 a produção de alho, em maior destaque e a outros cultivos (feijão, mandioca, milho, hortaliças, frutas etc), essenciais à sobrevivência das famílias camponesas. Também a produção de leite, ovos, carne (provenientes dos suínos, aves e até bovinos criados nas propriedades da Comunidade), enriquece a dieta alimentar e permite a comercialização, principalmente do leite para os laticínios locais.

Acerca do nome do lugar, aliás, nomes, existem muitos significados, porém é acordo que expressa a subdivisão de um latifúndio e, que por conta, de peculiaridades naturais recebeu diversas denominações.

[...] é Morro Agudo/Cisterna, Morro Agudo/Olaria, Morro Agudo/Mata que ali mais pra baixo [...] Era a fazenda Morro Agudo, uma fazenda enorme. Aí eles tem subdivisões pra poder caracterizar que ainda existem hoje tanto é que na Mata nem tanto, mas na Cisterna tem o centro comunitário, tem a escola e tudo, e no Olaria também tem o centro comunitário, tem a igreja. (Informante 01, dezembro de 2010).

No auge da produção de alho, por empregar intensa mão-de-obra durante o plantio, colheita, preparação para a comercialização, fundou-se na Comunidade a Vila Açucena, nas imediações do Centro Comunitário da Comunidade e da Escola Municipal Maria B. Sucena. A Vila, composta basicamente de pessoas vindas da Bahia, que trabalham nas propriedades locais como prestadoras de serviços temporários, tanto na lida com o alho, quanto em outras atividades que demandam serviço braçal apresenta características urbanas mas com predominância de atividades rurais. Na Foto 01 se visualiza, ao fundo, a Vila Açucena e mais a esquerda a Escola Municipal Maria Bárbara Sucena, em destaque (o novo prédio construído) na Foto 2.



Foto 01: Vista da Vila Açucena e do prédio atual da Escola Municipal Maria Bárbara Sucena (à esquerda), em Catalão-GO
Fonte: Trabalho de Campo, dez/2010.
Autor: CRUZ, S. H.



Foto 2: Escola Municipal Maria Bárbara Sucena, Catalão-GO
Fonte: Trabalho de Campo, dez/2010.
Autor: MELO, W. C.

2 OBJETIVO

Identificar, através de pesquisa de campo na Comunidade Olaria/Cisterna, os fatores que influenciam no bem-estar da população, co-relacionados à mudança da forma de produção (modernização da agricultura) e as mudanças ambientais, verificando os agentes de contaminação do solo e dos recursos hídricos.

3 METODOLOGIA

Foram realizadas diversas leituras sobre temas relacionados ao objetivo da pesquisa que serviram para ajudar na compreensão das realidades observadas na Comunidade pesquisada. O envolvimento e a participação durante o desenvolvimento da pesquisa, que teve duração entre o mês de agosto de 2010 a junho de 2011, das discussões teóricas promovidas pelo núcleo de estudos GETeM (Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais), ao qual esta pesquisa está vinculada e as idas a campo foram fundamentais para o aprendizado.

Outro fator que favoreceu o elo com a Comunidade estudada é por este Projeto ser um desdobramento de outro que o antecedeu e ocorreu no período de 2010, denominado “Cidadania, Trabalho e Juventude Rural”³, desenvolvido pelo GETeM/UFG/CNPq. O Projeto

³ Projeto desenvolvido pelo Núcleo de Estudo GETeM, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça com financiamento do CNPq. O Projeto através de atividades teóricas e práticas agroecológicas visava assegurar aos jovens rurais, a capacitação com o intuito de melhorarem as condições de trabalho, garantindo trabalho, renda e inclusão social.

constava em receber em períodos de férias jovens do campo no ambiente da Universidade Federal de Goiás em Catalão, que participavam de práticas agroecológicas, para que pudessem *levar* o conhecimento às suas Comunidades de origem e adotar novas práticas no seu cotidiano.

Após estes vínculos estabelecidos com alguns jovens da Comunidade Olaria/Cisterna e com a escola local, através do projeto supracitado, foi-se a campo em dois momentos: o primeiro ocorreu no mês de dezembro de 2010, realizando entrevistas e aproximação com a população que reside na Vila Açucena e em seu entorno, além de registros fotográficos do local. Neste momento contatou-se a Agente de Saúde da Comunidade e intensificou-se a coleta de dados, registros fotográficos e por GPS das propriedades da Comunidade que fossem atendidas por ela, já que não era possível visitar todas as propriedades da região.

O segundo momento se constituiu ao entrar em contato com as famílias atendidas pela Agente de Saúde e registrá-las. Das 35 famílias atendidas foram encontradas nos dias de visita apenas 26, em decorrência de mudança da moradia (pois algumas famílias não são proprietárias das terras e dependem da disponibilização de trabalho), ou por encontrarem-se em passeios e ao chegar na sede não foi possível encontrar algum informante.

Outro fator que viabilizou o trabalho de campo nesta Comunidade é o fato do bolsista ter sido aluno da Escola Municipal Maria Bárbara Sucena por 09 anos (1997 a 2005). Apesar de residir em uma Comunidade próxima (Custódia), presenciava em seu cotidiano as mudanças ocorridas neste período, e que se deparou com tantas outras ao retornar no lugar em 2010, pois profundas transformações haviam modificado a paisagem do lugar.

Dentre elas pode-se citar a expansão do eucalipto e a construção de um novo prédio para sediar a Escola, já que o antigo encontrava-se em condições precárias e não proporcionava conforto aos funcionários, professores e alunos da instituição. Neste artigo foram retiradas todas as informações pessoais (nome, idade etc) das pessoas que forneceram as informações, conforme combinado com estes que qualquer informação cedida por eles e que constasse nos textos públicos não constariam as devidas informações pessoais para garantir privacidade e prevenir quaisquer ações que isto poderia decorrer. Portanto, utiliza-se termos com “Informante 01”, “Informante 02” etc.

4 DESENVOLVIMENTO

Nos últimos anos, principalmente com a entrada do alho estrangeiro no Brasil e as recentes ‘pragas’ que acometem a alhicultura, houve uma brusca queda na produtividade. Disso decorreu que os produtores investiram em ‘novas’ formas de rentabilidade, oriunda da terra, como o gado leiteiro etc., mesmo que a região ainda continue produzindo alho, em menor quantidade (Tabela 01). Em visitas a Comunidade observou-se uma agricultura mais diversificada e uma significativa criação de gado, porcos e aves.

Tabela 01 - Produção de alho em Catalão-GO

Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Produção em toneladas	2.250	1.500	4.200	3.600	1.200	1.400	1.300	840	600	240
Produção em hectare	500	250	350	300	100	100	100	70	50	20

Fonte: SEPLAN Sepin. (2010)
Organização: MELO, W. C. (2011).

Segundo os produtores alhicultores surgiram muitas dificuldades além do encarecimento dos insumos no combate as ‘pragas’:

Tem o ternário, que parece com piolho de galinha, quando o alho crescido, tem o acre que é uma doença, que é uma doença amarela, fica com cor de ferruja. Agora tá apareceno uma lagarta, até dentro de casa, pá guarda um pouco de alho dentro de casa, tem que compra aquele veneno e jogar por cima... Aparece e come todinho, não tinha isso, e não tinha lagarta de alho. Olha menino eu não sei como é que ele veio, não tem explicações, uma lagarta desse tamanho, que entra no alho e defraza todinho, depois de você plantá também, você debulha dente por dente de alho, você não vê lagarta nenhuma, depois que você planta dá lagarta, embaixo. (Informante 02, dezembro de 2011).

O depoimento expressa o desequilíbrio ambiental e a necessidade de utilizar maiores quantidades de venenos para continuarem a produzir. Outro ponto importante a ser mencionado é o desamparo de políticas públicas para os trabalhadores/camponeses, bem como de outros recursos, como o apoio técnico para melhorar as condições e a produtividade, como menciona um trabalhador-camponês ao se referir que não encontra mais condições favoráveis para que continue no labor com a terra. Em tempos em que a cada dia estão mais dependentes do mercado e do setor alimentício e das demais transações para a sobrevivência, um dos camponeses entrevistados diz que está reduzindo o plantio de alho por conta dos problemas ambientais, oriundos do desequilíbrio ecológico, não permitem uma produção que

satisfaça as necessidades. Entretanto continua produzindo, demonstrando um jeito de ser, um modo de vida que só pode existir a partir da terra:

[...] aqui é eu e a muié... mais não deixo de plantá uma roça. Planto alho, tive que reduzi... planto dois hectare de alho, reduzi muito [...] planto milho, planto feijão, plantava arroz, parei porque aqui não tem máquina de limpar o arroz, não adiantava eu planta e paga pá levar pá Catalão pá limpa, ora que retornava ficava mais caro [...] (Informante 02, dezembro de 2010)

O pessoal, diz: ah não precisa trabalha, mais eu gosto, primeiro para ter fartura em casa, porque rato come, pinto come, é bom sempre ter o milho, o feijão, arroz não porque eu parei, eu colhia dez, quinze saco de arroz, deixava ai, rato comia, galinha. Eu gosto de ter a fartura dentro de casa, que a gente compra, tudo bem. Mais as coisa comprada não rende como da roça, eu acho, tenho essa impressão. Intão eu gosto da roça assim, é um divertimento pra mim hoje, se chega na lavora agora tá tudo verdinho, pode ser milho, ou feijão, cada coisa com um tempo, é nem todo tempo tá verde, nem seco, cada coisa tem sua passagem. (Informante 02, dezembro de 2010)

É nesta tentativa de produzir e sobreviver que o trabalhador/camponês se vê forçado a aderir ao uso de venenos para ter as condições e a produção final do seu trabalho. Uma característica evidenciada e realçada na Comunidade Olaria/Cisterna é a utilização de insumos químicos e agrotóxicos.

Aquele BR 201, 205, ele nunca, eu nunca dei meu dinheiro por um saco de milho, porque aquilo ali, seu menino, eu acho que é um poço de ilusão... É vai da adubação, porque aqui só dá tudo, com adubo e veneno. (Informante 02, dezembro de 2010)

O uso de venenos passou ser comum e muitos utilizam sem quaisquer equipamentos de proteção individual, algo confirmado pelo depoente. O mais preocupante é a utilização deste ‘recurso’ indiscriminadamente, sem o uso de uma proteção mínima. Neste caso não há referência (dados, informações) sobre os índices de contaminação do meio que absorve boa parte dos denominados praguicidas lançados sobre as plantações e o gado e que contaminam o solo e a água, além de prejudicar a saúde dos animais e do próprio ser humano.

Não se sabe qual a porcentagem acumulada pelos organismos, tampouco as quantidades suportáveis para os trabalhadores que são expostos diretamente às substâncias tóxicas. “Aqui ninguém usa proteção nenhuma, existe um veneno que eles bate no tomate...é muito perigoso”. Percebe-se também que não há instrução de métodos de aplicabilidade do agrotóxico, ou seja, estes não estão instruídos para exercer esta atividade.

Nós não aplicamos agrotóxico. Tem gente aqui na Vila que faz esse serviço. Mas não tem gente certa pra fazer esse serviço aqui não. Quando as pessoas

que fazem esse serviço não estão aí arrumo outros. Mas é aplicado com bomba, as vezes tem o uso de máscara. (Informante 03, dezembro de 2010).

Observou-se nas pesquisas de campo que não há os cuidados necessários com os equipamentos utilizados para a aplicação dos agrotóxicos. Também percebeu-se que são lavados em tanques com torneiras (uso doméstico) e as vezes guardados no interior das residências. As fotos 03 e 04 ilustram os equipamentos parte do mencionado acima.



Foto 3: Bomba costal utilizada na pulverização de herbicidas/inseticidas em hortaliças.

Fonte: Trabalho de Campo, dez/2010.

Autor: CRUZ, S. H.



Foto 4: Bomba costal utilizada em aplicação de inseticida no gado e herbicida para as hortaliças no quintal.

Fonte: Trabalho de Campo, dez/2010.

Autor: CRUZ, S. H.

Outro fator que está alterando as práticas e tradições camponesas é a entrada da monocultura de eucalipto, como estratégia de ‘modernizar’ a agricultura desenvolvida na Comunidade Olaria/Cisterna, já que esta não apresenta aspectos geomorfológicos favoráveis a outros cultivos, como a soja. A adesão ao eucalipto já é significativa, participando de grandes extensões de cultivo que na sua maioria, substitui não só áreas de pastagens, como também terras destinadas à produção de alimentos e criação de gado leiteiro. Essas novas paisagens já constituem parte da Vila Açucena, pois seu entorno está sendo apropriado por esta monocultura, conforme as fotos 05, 06 e 07.



Foto 05: Monocultura de eucalipto disputa áreas com milho e pastagens. Comunidade Olaria/Cisterna. Catalão/GO
Fonte: Trabalho de Campo/ abril/2011.
Autor: CRUZ, S. H



Foto 06: Monocultura de eucalipto abrange grandes áreas na Comunidade Olaria/Cisterna. Catalão/GO
Fonte: Trabalho de Campo/abril/2011.
Autor: CRUZ, S. H



Foto 07: Monocultura de eucalipto no entorno da Vila Açucena.
Fonte: Trabalho de Campo/abril/2010.
Autor: CRUZ, S. H

Em visita às famílias da Comunidade Olaria/Cisterna, deparou-se com uma população em processo de envelhecimento (gráfico 01), geralmente aposentados, já que é uma fonte de renda que utilizam para complementar a renda familiar, pois relatam que o que retiram da terra é insuficiente para o sustento da família. Conforme a pesquisa de campo, 11 das 26 famílias entrevistadas possuem na aposentadoria a principal fonte de renda familiar.

Estes dados apontam para a precariedade financeira que vem sofrendo os camponeses que ainda estão no campo e a falta de perspectiva que os jovens tem com a continuidade das atividades rurais. A fala de um trabalhador/camponês evidencia que: “A juventude que teve na roça, a pouco tempo foi pra cidade... pra voltá pra roça tá duro!”

(Informante 02, dezembro de 2010). A população enfrenta também a ausência de assistência técnica adequada e disponível em acordo com as necessidades deles e não das indústrias produtoras de insumos e venenos etc. Uma das sugestões apontadas é que devem se dedicar às atividades agroecológicas como potencializadoras de trabalho, renda e melhoria das condições de vida, além de ser saudável para o ambiente e para os seres humanos.

Entretanto, 39% dos entrevistados nunca ouviram falar sobre agroecologia e muitos dos que dizem saber o que é, não conseguem especificar quando questionados sobre o assunto. Essa situação foi minimizada pelo Projeto “Cidadania, Trabalho e Juventude no Campo”³, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos GETeM/UFG/CNPq e que tinha por objetivo possibilitar aos jovens conhecimentos sobre o tema agroecologia.



Gráfico 1 – Faixa etária da dos moradores das propriedades visitadas.

Fonte: Pesquisa de Campo/abril/2011.

Elaboração: MELO, W. C.

Outro ponto que merece ser ressaltado é a adesão de algumas áreas do campo como área de lazer, ou seja, na Comunidade já se depara com ambientes de lazer, mesmo que não apresente áreas de lazer muito atrativas, como os conhecidos lagos, resultantes de inundações de *ambientes e suas gentes* pelas barragens hidroelétricas, que se tornam especulações imobiliárias, destinadas à construção de casas para descanso temporário (nos fins de semana e feriados). O campo está deixando de ser apenas um território destinado à produção agropecuária para se tornar, também, um lugar de lazer, como mostra a foto 08 retratando uma casa de lazer, que possui dentre outras, quadra de esporte, piscina e mesa de bilhar. “Minino a roça hoje é pra divertimento, ali vai pro seu sítio, plantá alguma coisa ou cria qualquer besteira, e ali o tempo está passano. Colhe um trem, colhe outro”. (Informante 02, dezembro de 2010)



Foto 08: Residência utilizada para lazer temporário na Comunidade Olaria/Cisterna.

Fonte: Trabalho de Campo/abril/2010.

Autor: CRUZ, S. H

Estas são mudanças presenciadas nas visitas pela Comunidade Olaria/Cisterna, que evidencia os usos e a forma como se encontra parte do campo, pois estas características não se restringem apenas à Comunidade Olaria/Cisterna, como também ilustra o que está ocorrendo noutras paragens, conforme as suas singularidades. Observa-se que as relações de sociais de produção e de trabalho se alteraram com a chegada dos trabalhadores migrantes, assegurando “novas funcionalidades” para as áreas mais próximas a área urbana do município. Intensifica-se o uso de agrotóxicos e a conseqüente contaminação do solo e da água prejudicando todos, indistintamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes são fatores preocupantes, pois percebe-se que as terras estão sendo tomadas por novos usos e formas mais recentes de “aproveitamento” dos recursos naturais/sociais. Exemplificando, o cultivo do eucalipto que empobrece o solo, inviabilizando a proliferação de outras formas vegetais, por meio da relação biológica do amensalismo, conseqüentemente diminuindo a variedade de flora na região e dos animais que dela se alimentam.

As monoculturas de eucaliptais, em sua maioria estão substituindo áreas de pastagens, dedicadas a criação do gado leiteiro e de produção de alimentos, destacando-se o milho. Outro ponto preocupante é a *cultura das gentes*, que vai se perdendo, à medida em que, os jovens saem de seu ‘berço’ e entram em seu lugar a cultura de massa, com suas ideias,

em que muitas vezes defendem o processo utilizado na chamada “modernização da agricultura”.

Se questiona a natureza do conhecimento produzido, inclusive nas Universidades Públicas, uma vez que, são poucas as pessoas (professores, estudantes) que tem senso crítico sobre essas transformações nas áreas de Cerrado.

Nas andanças encontramos produtores que denunciaram a situação de contaminação existente na Comunidade Olaria/Cisterna. Isso pode ser observado no depoimento sobre o crescimento do tomateiro:

[...] E deste tamanho já começa veneno, desde a floração dele, intão aquele ali, aquele fruto ali cria em função do veneno, florano, vingano e veneno em cima. **Eu vejo no jornal** dizerem: lava! Eu digo aquilo ali não tem lavamento não, que aquilo já cria intranhido no próprio tomate, na massa dele, o veneno já estava intranhido... lava com não sei o quê? (Informante 02, dezembro de 2010, grifos nossos)

Mas o que surge em questão é o que mantem, ainda um certo contingente de pessoas no campo. Em visitas observou-se que o que resta de ligação entre este *povo e a terra* é por estarem enraizados. A terra é o ponto de sustento e enlace cultural, constituindo as urdiduras do espaço. Muitas mudanças... Uma boa porcentagem, como mencionado anteriormente, das famílias sobrevivem com rendas complementares (não agrícolas), ou seja, são recursos externos que mantem a família na terra. Já os jovens não possuem muitas perspectivas de continuarem em seu lugar de origem, pois desejam ir (e muitos já foram) para as cidades. Ainda observa-se o agravamento do fato desta população estar cada vez mais dependente de insumos industrializados.

A questão abordada é até quando poderá aplicar o conceito do sociólogo Zygmunt Bauman sobre comunidade na Comunidade Olaria/Cisterna? Se este ambiente não possui muitos jovens que carregam consigo as tradições de lida com a terra e passam a abrigar uma população em processo de envelhecimento, quem irá substituir os antigos moradores nas próximas gerações?

[...] Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir – mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos ainda melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar sobre como fazê-la. Mas nunca desejamos má sorte uns aos outros, e podemos estar certos de que os outros à nossa volta nos querem bem. (BAUMAN, 2003, p.7-8)

A situação observada e vivenciada no campo, mais especificamente na Comunidade Olaria/Cisterna necessita ser cuidadosamente pensada. Se não houver uma intervenção (construção de políticas públicas) eficaz neste ambiente a partir das necessidades dos próprios trabalhadores/camponeses que residem e produzem esses espaços em *territórios de vida*, dificilmente conseguir-se á melhorar as condições de produção e as relações de trabalho. Os contaminantes continuarão e o futuro pode ser sombrio para todos. E cabe aos órgãos governamentais construir políticas públicas se quiserem que os trabalhadores/camponeses continuem a produzir alimentos para a *mesa dos brasileiros*.

REFERÊNCIAS

AVERSI-FERREIRA, T. A; FONSECA, L. C; BATISTA, M. T. A; *e tal.* Efeitos de pesticidas sobre a fragilidade osmótica de eritrócitos: uma breve revisão. **Biotemas**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1; p. 7-16, mar. 2009.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zaher, 2003.

BATISTA, M. T. A; RODRIGUES, H. G; FONSECA, L. C; BONETTI, A. M; *et al.* Estudo dos efeitos do pesticida da classe glicina substituída sobre eritrócitos humanos. **Revista Eletrônica de Farmácia**, Goiânia, v. 3, n. 2, p. 22-4, 2006.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Centro-Oeste – Agroindústria é um dos destaques da região. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=763>. Acesso em: 11 de junho de 2011

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Dados do Censo 2010 publicados no Diário Oficial da União do dia 04/11/2010: dados de Goiás. Disponível em <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=52>. Acesso em: 12 de jun. 2011.

Direção Nacional do MPA. **Porque o MPA é contra os agrotóxicos e lançou a campanha nacional em defesa da vida?** Disponível em: <http://mpacontraagrototoxicos.wordpress.com/>, Acesso em: 28 jun. 2010.

FERNANDES, O. **A questão agrária no Brasil**. Belo Horizonte, SINPRO-MG, 1997

FORMENTI, L. Brasil se torna o principal destino de agrotóxicos banidos no exterior. Disponível em: http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100530/not_imp558860,0.php, Acesso em: 28 jun. 2010.

GRAZIANO NETO, F. G. **Questão agrária e ecologia: crítica da moderna agricultura**. São Paulo. Brasiliense. 1985.

MATUO, Y.K; LOPES, J.N.C. & MATUO, T. **Contaminação do leite humano por organoclorados DDT, BHC e Ciclodienos**. Jaboticabal: Editora da FUNEP, 1990.

MENDES, E. de P. P. **A produção familiar em Catalão-GO**: a comunidade Coqueiro. 2001. 202 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

MENDONÇA, M. R. **A questão regional e o campesinato**: a alhicultura em Catalão-GO. 1998. 233 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

_____. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. 2004, 458 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

MESQUITA, H. A. de. **A modernização da agricultura** – Um Caso em Catalão/Goiás. 1993. 180 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

SANTOS, I. F. **Agrotóxico é problema de saúde pública**. Disponível em: <http://www.mst.org.br/node/9905>, Acesso em: 28 jun. 2010.

SCARSO, A. **Mais agrotóxico: menos saúde**. Disponível em: <http://www.radioagencianp.com.br/node/8675>, Acesso em: 28 jun. 2010.

THOMAZ JÚNIOR, A. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI**: limites explicativos, autocríticas e desafios teóricos. Volume 1. Tese (Livre-Docência), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2009.